



Foto-Cine Clube Bandeirante

S. PAULO — BRASIL

BOLETIM

DEZEMBRO - 1946

N.º 8



«VANIDAD»

Felix de Cossio
(Cuba)

(Do V Salão Internacional de Arte Fotográfica de S. Paulo)

Aparelhos fotográficos e cinematográficos —
Acessórios — Laboratório especializado para
miniatura, ampliações, etc.

CINEMA EM CASA



PROJEÇÕES A DOMICILIO
ALUGUEIS DE FILMS DE
8 e 16 mm.

MESBLA

Rua 24 de Maio, 141 - São Paulo
RIO * NITERÓI * B. HORIZONTE * P. ALÉGRE * PELOTAS * RECIFE

VENDAS EM 10 PAGAMENTOS !

Foto - Cine Clube Bandeirante

●
Laboratório e câmara escura para aprendizagem e aperfeiçoamento.

●
Sala de leitura e Biblioteca especializada.

●
Excursões e concursos mensais entre os sócios.

●
Participação nos salões e concursos nacionais e estrangeiros.

●
Intercâmbio constante com as sociedades congêneres do país e do exterior.

DEPARTAMENTOS:

Fotográfico
Cinematográfico
Secção Feminina

	Cr\$
Joia de admissão	50,00
Mensalidade	20,00
Anuidade (recebida somente nos meses de janeiro a março de cada ano)	200,00

●
Os sócios do interior e outros Estados e da secção feminina gozam do desconto de 50 %.

●
R. S. BENTO, 357 - 1.º AND.
S. PAULO - BRASIL

A Nota do Mês

Quando este número estiver sendo distribuído, já deverá estar aberto ao público o V SALÃO INTERNACIONAL DE ARTE FOTOGRAFICA DE S. PAULO.

A maioria dos que visitam um Salão desse gênero, dêle saindo, sem dúvida, satisfeitos e emocionados ante a beleza dos quadros expostos, nem de leve imagina o quanto representa um certame dessa ordem, de esforço e dedicação.

Esfôrço e dedicação dos que nêle figuram e que, durante anos e anos, horas a fio, com amor e perseverança, estudam e pesquisam aquêles elementos que tornam a arte fotográfica uma das mais belas, mas, também, uma das mais complexas e difíceis e que os levarão ao êxito e á satisfação de ter criado alguma cousa de belo e de útil.

Esfôrço e dedicação daquêles que, silenciosa e desinteressadamente, por vezes sacrificando até interesses particulares, dedicam o ano inteiro, diariamente, horas e horas de trabalho á sua organização, procurando fazer com que o Salão e o Clube que o promove se elevem cada vez mais no alto conceito de que já se tornaram merecedores pelo quanto tem contribuído em prol da nossa arte fotográfica.

O V SALÃO INTERNACIONAL DE ARTE FOTOGRAFICA DE S. PAULO representa, não há duvida, mais um esplendido laurel conquistado pelo FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE. E' bem uma vitória — a vitória do esforço e da dedicação.

Diante dela, aumenta de ano para ano a nossa responsabilidade. E' preciso que êsse esforço e essa dedicação não esmoreçam. E' preciso que o ideal que o tem animado continue a incentivar aquêles que nos sucederem.

Porque os homens, êsses desaparecem; mas a obra deve e precisa ficar.

* * *

Ao nosso V SALÃO dedicamos êste número do Boletim.

Tem êle o feitio que, desde o início, desejávamos imprimir-lhe.

Poderemos mantê-lo, assim, daqui por diante? Não depende de nós. Depende, antes, do apóio e da colaboração que merecer não apenas dos nossos consócios, mas, também, dos nossos amigos e de quantos se interessam pela arte fotográfica.

Não nos falem êsse apóio e essa colaboração e o Boletim será sempre um reflexo do engrandecimento do FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE e da Arte Fotográfica Brasileira.

O FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE responderá, com prazer, pelos seus Departamentos, qualquer consulta que lhe for dirigida, não só quanto a matéria concernente ás suas atividades, como também sôbre a prática da fotografia e cinematografia amadorista, recebendo, sem compromisso, colaboração para o seu BOLETIM.

Correspondência para a séde social, dirigida a FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE — Rua S. Bento, 357, 1.º andar, S. PAULO — BRASIL.
A séde social, outrossim, acolherá sempre, prazerosamente, a visita de todo e qualquer aficionado da arte de Daguerre.

B R O M Ó L E O

Valêncio de Barros.

II

PREPARO DA AMPLIAÇÃO

O Bromóleo, como a própria palavra está a indicar, é uma combinação do brometo com o processo a oleo; é uma variante deste último processo. É uma cópia, diréta ou ampliada, em papel brometo, que se transforma em cópia a oleo, executada com tintas litográficas. Para isso a cópia é branqueada e em seguida a imagem é reconstituída com tinta litográfica, por meio de pinceis especiais.

Posto que simples, como qualquer ampliação, a prova para Bromóleo exige alguns cuidados, porque a sua boa execução vale por metade do êxito final. 1.º) — **NEGATIVO**: deve ser bem modelado e bem revelado, pressupondo-se naturalmente uma exposição normal, sem luzes muito duras, nem sombras muito densas. 2.º) — **EXPOSIÇÃO DO PAPEL**: há de ser exata e a revelação completa. Convém fazer prova de ensaio. A cópia deve apresentar uma gama de tons menos extensa do que a exigida para uma prova comum, isto é, sem pretos muito intensos. Deve mostrar todos os detalhes, numa tonalidade que, à primeira vista, parecerá um tanto "gris". Isto é função do revelador e da boa exposição. Exposição exata e revelação completa. Nestas condições a "entintagem" será mais fácil. 3.º) — **PAPEL**: usar de preferência os preparados especialmente para Bromóleo, emulsão fresca, mas, em falta destes, os papeis comuns de brometo de prata também servem, contanto que sejam novos. A gelatina do papel velho é dura, não incha e não recebe a tinta convenientemente. Reside aí a causa principal dos insucessos. 4.º) — **REVELAÇÃO**: o revelador mais recomendado é o diamidofenol (amido), que pôde ser preparado como segue:

água	200 cc.
solução sulfito sódio anidro a 20 %	20 "
idem, de brometo potassio a 10 % ..	4 "
amidol	1/4 "

Este banho revela em profundidade e ajuda muito a boa "tintagem". Usar banho novo para cada prova, mesmo para a de ensaio.

Tenha-se o cuidado de examinar a prova de ensaio (à luz do dia de preferência) para ver se preenche os requisitos exigidos. Si os pretos esti-

ver em muito intensos, ajunte-se mais água ao revelador e faça-se nova experiência, antes da exposição definitiva. 5.º) — **FIXAGEM**: revelada a prova, será lavada rapidamente, fixada por dez minutos em fixador simples a 17% (água 1000 cc. — hipo 170 gr.) e lavada como de costume. 6.º) — **BRANQUEAMENTO**: uma vez lavada, a cópia pôde ser imediatamente branqueada e tintada. É preferível, porém, deixá-la secar antes de branqueá-la, para que a gelatina fique mais resistente ao trabalho da "entintagem".

BANHO BRANQUEADOR

1 — água	180 cc.
ácido crômico	1 gr
2 — água	200 cc
sulfato de cobre cristalisado	15 gr
3 — sol. a 10 % brom. potassio	90 cc

Misturar a sol. 2 na sol. 3 e juntar depois a sol. 1. Leva-se este banho, assim preparado, a ferver durante 15 minutos, numa vasilha de ferro esmaltado e depois de frio juntar água até completar 500 cc. Está pronto para uso, dura indefinidamente guardado em vidro escuro bem arrolhado. Todas as operações, depois de fixada a cópia, são feitas à luz atenuada ou artificial fraca. Põe-se a prova, molhada ou sêca, no banho branqueador, mantido sempre em movimento. A imagem desaparece rapidamente e a ação do banho termina em 3 ou 4 minutos. Lava-se a prova em água renovada ou corrente durante 5 a 10 minutos, sempre em luz fraca; e fixa em seguida durante 10 minutos em fixador simples (hipo a 10 %). Lava-se em água corrente durante meia hora, mais ou menos e está pronta para ser "tintada", operação que pôde ser feita imediatamente ou mais tarde.

(A seguir: "A pigmentação").

S E R Á ? ...

Alguns espiritos mais acanhados, á falta de outros argumentos, pretendem attribuir os sucessos alcançados em nossos salões e concursos por alguns de nossos melhores amadores, ao fato de serem os mesmos diretores do Clube, cousa que, em outros países, apenas seria motivo de jubilo, pois vem provar que aos dotes pessoais que os fizeram merecedores daqueles postos, allam também destacados dotes artisticos.

Que dirão, porem, deante dos successivos exitos que aqueles companheiros vêm obtendo nos principais salões e concursos que se realizam no estrangeiro?

Será que até sobre o espirito dos renomados julgadores daque'es certames se fará sentir a influencia dos cargos que exercem em nosso modesto clube, mesmo em detrimento dos artistas e dirigentes locais?...

★ *A fotografia na prática* ★

Achille BOLOGNA.

IV

A REVELAÇÃO DO NEGATIVO

Se a tomada de vista põe a prova toda a nossa habilidade artística, a revelação do negativo exige toda a nossa habilidade técnica.

Muitas cousas, naturalmente contraditórias, já foram ditas e sustentadas em matéria de revelação, por pessoas todas elas competentes; quanto a nós, apenas acentuaremos uma única, necessária e suficiente.

Depende da nossa habilidade modificar o contraste do negativo, variando a composição do banho revelador e o tempo de revelação. Assim como o tempo de exposição regula a densidade do negativo, também uma revelação racional permitirá regular o contraste.

Como regra geral, deve-se afirmar que nos erros de exposição são mais facilmente corrigíveis as super-exposições do que as sub-exposições. Com efeito, enquanto se consegue revelar bastante bem os negativos sobreexpostos 20-30 vezes mais do que o normal, encontra-se grande dificuldade em salvar negativos com 2-3 vezes de sub-exposição.

O revelador pôde ser suave ou de ação lenta ou rápida.

Com o primeiro, decorre um certo tempo antes que na película, normalmente exposta, apareçam os primeiros traços das imagens; apresentar-se-ão primeiro as luzes, em seguida as meias tintas e finalmente as sombras. Ao aparecerem os detalhes nas sombras, a intensidade das luzes já progrediu o suficiente para interromper-se a revelação.

Bem diferente é a cousa, quando se usa reveladores de ação rápida: em alguns segundos, mesmo no caso de sub-exposição, teremos as imagens em quasi todas as suas gradações; entretanto, com ainda pouca intensidade que, porém, aumentará pouco a pouco, motivo porque não se deve interromper a revelação muito depressa.

O fotógrafo deverá assim, segundo a sua maneira de operar e o efeito desejado, escolher o revelador que melhor corresponde às suas necessidades e às circunstâncias em que trabalha.

Será útil, ainda, dizermos alguma cousa sobre a revelação das películas de formato mínimo, hoje tão em voga.

A preocupação das fábricas é fornecer o material sensível com o grão mais fino possível,

pois estes negativos são destinados exclusivamente às ampliações. E de conformidade com isso, deverá ser regulada a revelação, pois esta tem grande influência na acentuação dos grãos de bromureto de prata.

Uma revelação suave ou semi-lenta, agindo sobre os pequenos grãos, nos dará negativos de granulação bastante fina. Este genero de revelação tem ainda a vantagem, importantissima, de igualar e harmonizar as diferenças de tempos de exposição que sempre se encontram nos rolos.

O tratamento com reveladores muito enérgicos e concentrados deve sempre ser evitado, pois, como já adeantamos, aumentam a granulação.

Depois das operações de revelação, a habilidade do fotógrafo poderá ainda intervir para diminuir ou aumentar a intensidade local ou geral do negativo, mediante banhos reforçadores ou redutores.

Observaremos, porém, que a este recurso não se deverá recorrer senão excepcionalmente, eis que os resultados são muito incertos e aleatórios.

(No próximo número: “A impressão do positivo”).



APOSTILLAS INTRASCENDENTES

“A chapa velada é a imagem de um sujeito, mal fotografada, que se cobriu envergonhada...”

* * *

“Do infinito número de expressões que um rosto oferece, sempre se fotografa uma que vale por duas: porque é a melhor para o artista, enquanto que é a peor para o modelo...”

* * *

“Existem espíritos tão arrevezados que são capazes de dar impressão de calor com uma paisagem na néve e deixar o observador frio com uma vista tropical...”

* * *

“O autor que se conforma em vêr os resultados nos negativos e os arquiva sem copiá-los, satisfaz-se enganando-se de caso pensado. Como não ignora que os fracassos só se vêm com a ampliação terminada, não quer correr o risco de mostrá-los...”

ALEJANDRO C. DEL CONTE

Harmonização de Negativos

G. MALFATTI

O processo de harmonização é relativamente antigo; a primeira noticia que dêle tive foi na revista do Namias, "IL PROGRESSO PHOTOGRAPHICO", de uns 25 anos passados, e consistia em atenuar os contrastes dos negativos tirados, com fo'hagens e camf'nhos, nos parque e florestas. Naturalmente, os antigos negativos, revelados muito a fundo, necessitavam de harmonização, especialmente quando o motivo já era, em si, de grande contraste.

Consistia êsse processo em lavar bem o negativo e em seguida branquea-lo com bromureto-cianureto, na proporção de mais ou menos meio de cada, e a quantidade de água necessária, como quando se opera para o branqueamento, usado na viragem sépia. Estando o negativo perfeitamente branqueado, dá-se uma lavagem sumária de 3 câmbios a cada minuto e em seguida revela-se novamente o negativo, com um banho bastante di'uido, esfregando-o delicadamente, no começo, com o bulbo do dedo, afim do revelador atacar por igual a emulsão; esta operação é importante para as chapas ou filmes que foram endurecidos com alumen.

O tratamento com formalina, de acôrdo com formula Kodak, é tambem muito recomendavel no calor, antes do branqueamento, para as chapas já manuseadas e guardadas. É a seguinte a formula dêsse tratamento inicial:

Formalina — sol. a 40%	10 cc.
Carbonato de sódio anidro	5 grs.
Água	100 cc.

Banha-se o negativo durante 3 minutos para endurecer, e em seguida lavar 1 minuto e depois collocá-lo durante 5 minutos num banho fixador ácido; finalmente, lavar em água corrente durante 20 minutos.

Qualquer negativo assim preparado estará nas melhores condições para receber o tratamento posterior de redução, reforço ou harmonização.

O branqueamento é feito da maneira comum, com

Ferricianureto de potassio	10 grs.
Bromureto de potassio	10 gr.s
Água	200 grs.

Como êste banho não tem grande conservação, é necessário prepará-lo sempre novo. Para os que não têm paciencia em medir cada elemento, uma colherinha de chá de cada um, em meio copo de agua, tambem dá bom resultado; a quantidade de agua é indifferente, afetando apenas o tempo de branqueamento.

O negativo, completamente branqueado, é então lavado durante 5 minutos e novamente revelado com um banho diluido de metol-hydroquinone ou outro qualquer revelador, sendo que muitos preferem o amidol. Esta segunda revelação deve ser feita até que as sombras estejam bem reveladas e praticamente com a mesma intensidade do negativo original. Depois de la-

vado, o negativo é posto no fixador, produzindo-se então a harmonização, isto é, desaparecendo todo o contraste excessivo.

Este processo tem como base sempre um negativo forte e que tenha um decidido detalhe nas sombras. É indicado para os contra-luzes, os efeitos de fo'hagens, os retratos tirados contra paisagens, dentro de terraços ou janelas, cênas noturnas e tambem nos motivos arquitetônicos sob forte luz solar, pois lhes dará uma grande penetração nas sombras.

Restam ainda alguns comentários quanto á granação dos negativos tratados. O processo não pôde deixar de produzir grão fino e isto pelas seguintes razões: toda a revelação superficial produz grão fino e aqui o que estamos suprimindo é justamente a redução profunda da prata nas altas luzes. Com um pouco de prática, tambem os negativos de 36 mm. podem ser tratados com sucesso.

Grande parte da harmonização é hoje conseguida diretamente na propria revelação dos negativos, seguindo a prática de expor mais e revelar menos, digo mesmo grande parte, porque só nos casos extremos é que a harmonização é aconselhavel, pois para isto é necessário revelar desde logo a fundo o negativo.

Para os rolos que o amador revela em tanque, em condições normais, de preferencia recorre-se á harmonização indireta, produzindo por contato um dispositivo suave que será a base para um negativo novo, já harmonizado. Para êsse método indireto, prestam-se muito bem as emulsões ortocromáticas.



LABORATÓRIO

Em geral desbotam com o tempo, as viragens que não são feitas á base de saes metallicos.

* * *

As soluções de nitrato de prata, produzem, invariavelmente, manchas marron sobre todos os papeis, mesmo que deles tenha sido eliminado qualquer vestigio de hiposulfito.

* * *

Para tornar uma solução de metol inalteravel, basta adicionar-lhe apenas um pouco de bisulfito.

* * *

O fosfato trisódico, usado em alguns reveladores, especialmente nos á base de pirocatequina, pôde ser substituído por carbonato de sódio, na proporção de 50%.

V Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo

A partir de 14 deste mês, na Galeria "Prestes Maia" — como de costume gentilmente cedida pela Prefeitura Municipal — estará aberto ao público desta Capital, pela quinta vez, o já agora tradicional Salão Internacional de Arte Fotográfica, promovido por este Clube.

Excusado é dizer o quanto a iniciativa da nossa agremiação progrediu, em tão poucos anos, e o papel importante que passou a desempenhar nos setores artísticos desta cidade. Era de fato incompreensível, segundo tivemos ocasião de acentuar na apresentação do catálogo de nosso primeiro Salão, que São Paulo, uma das maiores cidades do continente, ainda não possuísse o seu Salão Anual de Arte Fotográfica, quando outros centros menores já ha muito o vinha promovendo.

A confiança que depositávamos no êxito de nosso empreendimento não foi desmentida, quer por parte dos aficionados da arte de Daguerre, aqui residentes ou não, quer por parte da culta população paulistana. Todos os anos, a Galeria "Prestes Maia" apresenta, durante o Salão, um aspecto desusado, atingindo a muitos milhares o número de visitantes. E o que esperamos que aconteça mais uma vez, pois os nossos conterrâneos e os que nos visitam na época do Salão, já se habituaram a fazer da Galeria um dos seus pontos forçados de visita, demorando-se todos — alguns horas seguidas — a apreciar os trabalhos expostos e não lhes regateando elogios.

Resta-nos, agora, às vésperas da abertura do V Salão, dizer o que este apresentou de particular ou de superior sobre os que lhe antecederam. No último número do Boletim, tivemos ensejo de publicar um resumo estatístico do movimento de inscrições, trabalhos aceitos e os países que se fazem representar. Damos agora, uma relação completa dêsse países, e a seguir, um confronto do movimento em questão com os dos Salões anteriores.

Quadro demonstrativo dos concorrentes e trabalhos admitidos, por país

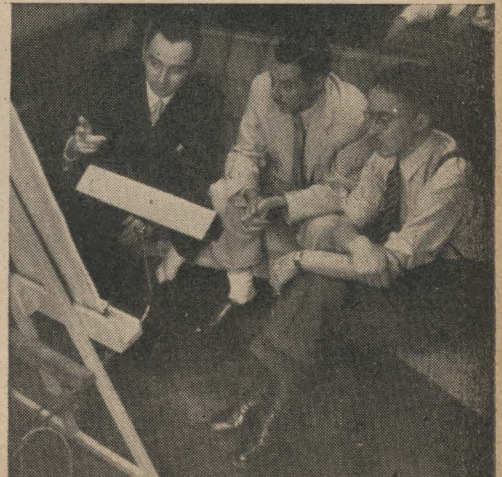
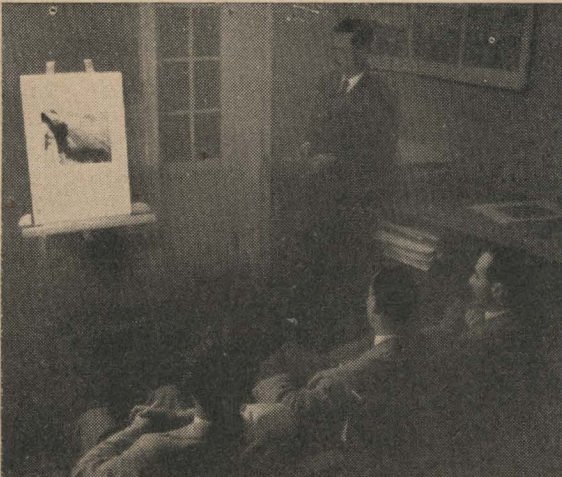
PAIS	Concs.	Inscr.	Admts
1 — ARGENTINA	52	152	57
2 — AUSTRALIA	8	24	7
3 — BELGICA	1	4	2
4 — BRASIL	117	497	143
5 — CANADA	1	2	2
6 — CHILE	4	13	5
7 — CUBA	9	36	17
8 — DINAMARCA	3	12	3
9 — EQUADOR	1	4	1
10 — EE. UNIDOS	26	110	34
11 — ESPANHA	1	4	—
12 — HOLANDA	4	15	4
13 — INDIA	1	4	4
14 — INGLATERRA	2	8	2
15 — MEXICO	1	4	2
16 — PORTUGAL	30	117	42
17 — SUECIA	3	9	2
18 — TCHECO-SLOVAQUIA ..	2	6	1
19 — URUGUAI	1	4	1
Totais	267	1.025	329

OBS. — Não chegaram em tempo os trabalhos inscritos dos seguintes:

	Concs.	Trabs.
AUSTRALIA	3	11
ESTADOS UNIDOS	6	21
INGLATERRA	3	9
SUISSA	2	8
TCHECO-SLOVAQUIA	1	4
YUGOSLAVIA	1	4
	16	57

Confronto do V Salão de Arte Fotográfica de S. Paulo com os anteriores

Número do Salão e Ano	Caráter	N.º de Países	CONCORRENTES			TRABS INSCRITOS			TRABS. ADMITIDOS		
			Nac.	Estr.	Total	Nac.	Estr.	Total	Nac.	Estr.	Total
1.º — 1942	Nacional	1	95	—	95	459	—	459	189	—	189
2.º — 1943	Nacional	1	114	—	114	525	—	525	253	—	253
3.º — 1944	Internac	7	98	96	194	412	285	697	130	174	304
4.º — 1945	Internac	10	81	166	247	343	541	884	146	208	354
5.º — 1946	Internac	19	117	149	266	497	528	1.025	143	165	329



Durante os trabalhos de seleção do nosso V SALÃO, foram obtidos êstes flagrantes, nos quais vemos os julgadores, Dr. Benedito J. Duarte, Dr. Eduardo Salvatore e Sr. Pedro Josué, desempenhando-se de sua difícil tarefa.



ARTIGOS FOTOGRÁFICOS EM GERAL

◆
MATERIAL PARA RAIOS X
◆

LABORATÓRIO PARA REVELAÇÕES, CÓPIAS E
AMPLIAÇÕES

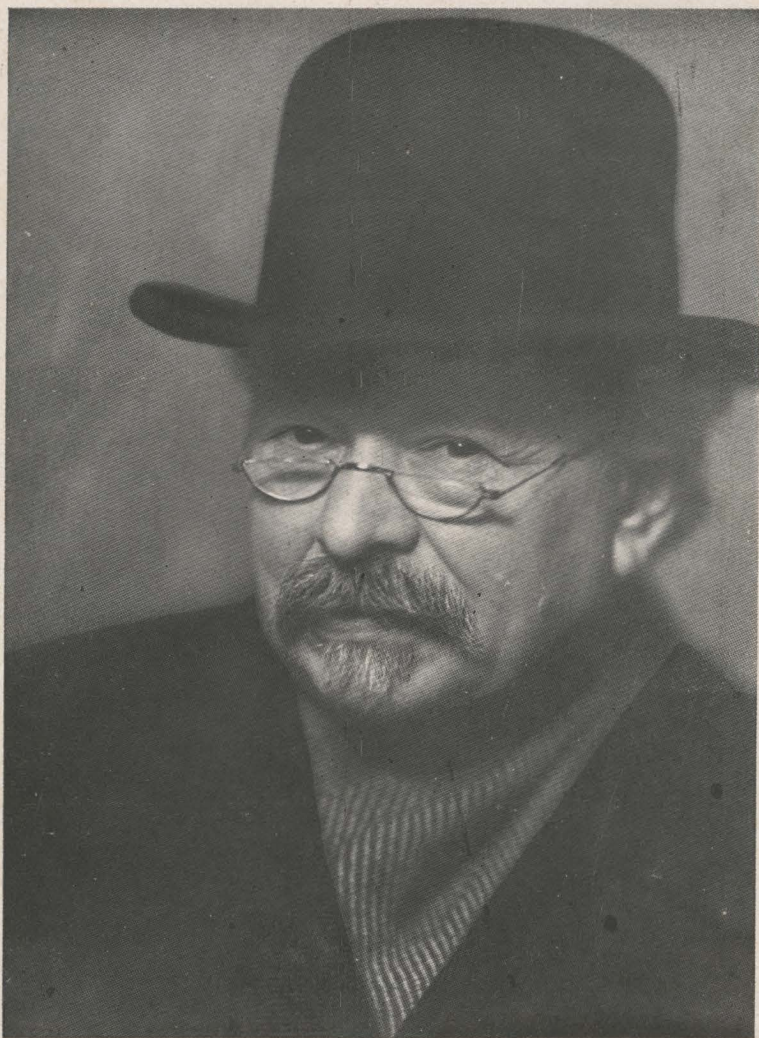
S.A. PANAMERICANA
MATERIAL FOTOGRÁFICO

ANTIGA CASA STOLZE

FUNDADA EM 1874

RUA S. BENTO, 213 — S. PAULO

*Algumas das Fotografias exibidas na V Salão
Internacional de Arte Fotográfica
de S. Paulo - 1946*



"THE PROFESSOR"
Herdis Jacobsen
(Dinamarca)



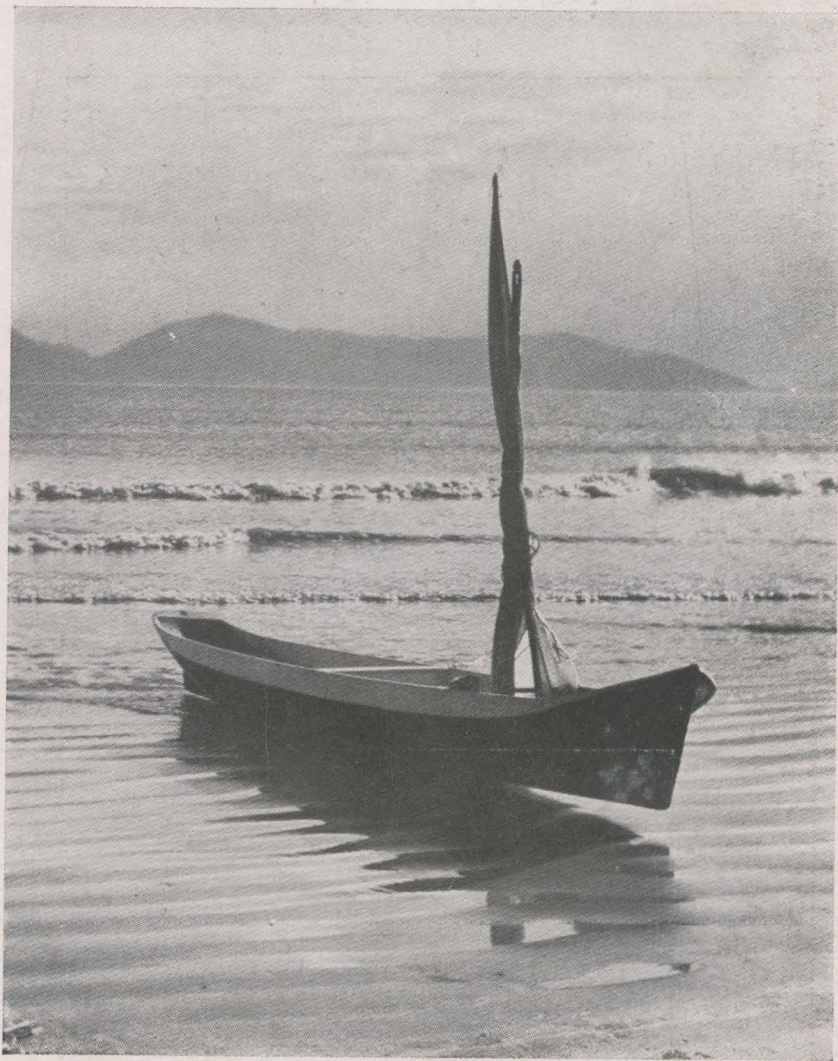
"LUZES DA MANHÃ"

Antonio S. Victor
(Brasil)



"OUTWARD BOND"

Bob Jennings
(EE. UU.)



"SOLIDÃO"
Emílio Talochi
(Brasil)



"Estudio"

Isidoro Kistler
(Argentina)



"Pescadores"

Tibor Benedit
(Brasil)

1.º SALÃO DE ARTE FOTOGRÁFICA DE S. JOSÉ DOS CAMPOS

Realizou-se, no dia 15 de novembro p.p., a inauguração do 1.º Salão de Arte Fotográfica de São José dos Campos, a primeira realização do Foto-Clube local, recentemente fundado, e que assim inicia, de maneira brilhante, suas atividades.

Esse certame, que contou com o patrocínio do "Jornal da Semana" e do Foto-Cine Clube Bandeirante, constituiu um verdadeiro acontecimento para a vida artística daquela progressista cidade, contando a cerimônia inaugural com a presença das autoridades locais, representantes de entidades culturais do vale do Paraíba e grande número de convidados, além do ilustre escritor e crítico de arte, Sr. Sergio Milliet, que na ocasião pronunciou apreciada palestra. Uma delegação do Foto Cine Clube Bandeirante esteve também presente às solenidades, tendo recebido, por parte dos diretores do Foto Clube São José dos Campos, a mais carinhosa acolhida.

Cerca de 200 trabalhos foram expostos nos salões da Associação Esportiva São José, gentilmente cedidos, em painéis cuidadosamente executados e dispostos, causando aos visitantes a melhor impressão possível.

O F. C. Bandeirantes colaborou para esse certame, organizando, fora de concurso, um estande com alguns dos melhores trabalhos de varios consócios, além de uma bela coleção de fotografias estrangeiras. Também a Prefeitura Sanitária local teve a seu cargo uma secção de fotografias documentarias da cidade e suas obras publicas, obtidas pela respectiva Divisão de Obras Publicas.

OS PREMIOS

Diversos premios foram ofertados ás melhores fotografias inscritas, tendo sido o julgamento efetua-



do por uma comissão do F. C. Bandeirante, integrada pe'os srs. Angelo F. Nuti, Eduardo Salvatora e José V. E. Yalenti, a qual, depois de longo e cuidadoso estudo, resolveu conferi-los aos seguintes trabalhos:

Premio "Motivo sobre a cidade", "Noturno" (n.º 41), de Oswaldo Ricci; Premio "Paisagem": "Inundação" (n.º 41), de Augusto Magnusson; Premio "Natureza Morta": "Catléas" (n.º 61), de João Leite Siqueira; Premio "Cena de Genero": "Surpreza" (n.º 65), de Francisco P. Faria; Premio "Portrait": "Meditação" (n.º 63), de João Leite Siqueira e Premio "Composição":

"Pavão" (n.º 115), de Ignacio Badui. Mereceram menções honrosas: "Por do sol no Rio Amazonas", de João Amoroso Neto e "Vendaval", de Augusto Magnusson.

Os srs. Mario A. Weiss — nosso sócio correspondente naquela cidade — e José C. Florence, como organizadores do certame, não concorreram aos premios. Todavia, a comissão julgadora, tendo em vista a qualidade dos trabalhos que apresentaram, fora de concurso, julgou merecido fazer uma menção especial aos trabalhos "Crepusculo", "Caçara" e "Inocencia", de José C. Florence, e "Rosas", "Campanário" e "Detalhe de prôa", de Mario A. Weiss.

Pelo êxito deste primeiro salão, está o Foto Clube de São José dos Campos de parabens. Esperamos que o seu exemplo frutifique e que, em breve, possamos contar, no interior do Estado, com maior numero de Fotos-Clubes.



Salões e Seleções

Em geral todos os anos e em todos os salões, depois de conhecido o resultado da seleção dos trabalhos inscritos, surgem logo os descontentes clamando aos céus e terras que o julgamento foi mal feito, que o critério da seleção foi errado, que os juizes são incompetentes, etc. etc., só porque tiveram uma de suas fotografias — “vejam só, uma verdadeira obra prima”... — recusada.

Pouco importa serem os julgadores pessoas de méritos artísticos internacionalmente comprovados, de idoneidade acima de qualquer duvida. Tudo isso desaparece frente ao orgulho ferido de alguns concorrentes — por vezes amadores ainda bisonhos — que por iniciativa própria, se julgam tão artistas como os maiores. E vão daí, investem contra tudo e contra todos e até contra o clube que não medindo esforços organiza os salões... E, não ficam apenas nisso — desde logo se julgam capazes de ditar como devem ser julgadas as fotografias, como devem ser organizados os salões, etc. etc..

Realmente, todo julgamento é difícil e não pode contentar a todo mundo, pelo que a cousa não nos surpreende. Não podemos, por exemplo, pretender que alguém que de musica só entenda de samba ou de marchinha possa compreender um Beethoven ou um Chopin. Simples questão de senso artístico, mais ou menos apurado. Mas daí a querer o apreciador do sambinha ditar como deve o maestro dirigir uma orquestra sinfonica, a distancia é muito grande. Assim tambem na fotografia, como em qualquer outra arte.

Ofenomeno já velho não é, porém, apenas nosso e já foi magistralmente focalizado pelo eminente critico Alejandro C. Del Conte.

As judiciosas considerações que sobre o assunto fez, ha cerca de um ano, pelas columnas do prestigioso “Correo Fotográfico Sudamericano” (n.º 514 de abril de 1945) não perderam sua oportunidade, e merecem ser transcritas, e meditadas:

“É natural — diz o mestre — que nos países jovens da America esteja constantemente no tapete das discussões, o tema em via de eternizar-se, do jurí a cujo encargo está ou deve estar a tarefa de seleccionar as obras apresentadas em concursos ou salões. É natural porque, precisamente por serem jovens tambem em fotografia artistica, todos quantos adquiriram forças suficientes (ainda que não méritos suficientes) para concorrer a um salão, se igualam em capacidade — claro que por sua propria conta e risco — aos artista de verdade.

Este curioso nivelamento expontaneo impede, entre outras muitas cousas, que sejam reconhecidos os verdadeiros artistas; aqueles que alem de o serem na tarefa intrinseca de produzirem obras fotograficas

são tambem por sua vocação natural e por sua cultura.

Si os que concorrem aos Salões começam pois, por não reconhecer a superioridade dos que a possuem, é compreensivel tambem que não acreditem que haja quem possa julgar suas obras.

Não reconhecendo, como vemos, a existencia de valores superiores nos demais, é natural que cada concorrente se julga autorizado a planejar as normas dentro das quaes devem atuar os julgadores.

O ridiculo de tal pretensão é evidente. Pelo menos, para os que observam o panorama um pouco mais além do que o permitem o orgulho ou a fanfarronice propria.

Nos encontramos assim em que tanto aqui como nas outras nações irmãs do continente, — onde ninguém quer, por decisão pessoal, ser menos do que o outro, mesmo que os separe um abismo — qualquer um se crê em condições de ser julgador ou, quando menos, de ditar como se deve julgar uma fotografia.

Por culpa de tal cousa, quasi diariamente, vemos surgir projetos que, como o que motivou estas linhas, podem ser muito agradaveis como amostras de contabilidade ou de engenho, mas que se chocam abertamente com o destino que se lhes dá a espiritualissima tarefa do artista ou do critico chamado para calibrar as emoções levadas ao quadro pelos demais. A este respeito, os americanos do norte, chegaram até ao cumulo de crear complicados mecanismos electricos aos quaes pouco falta para, por si sós e a um simples apertar de botão, elegerem as fotografias do salão.

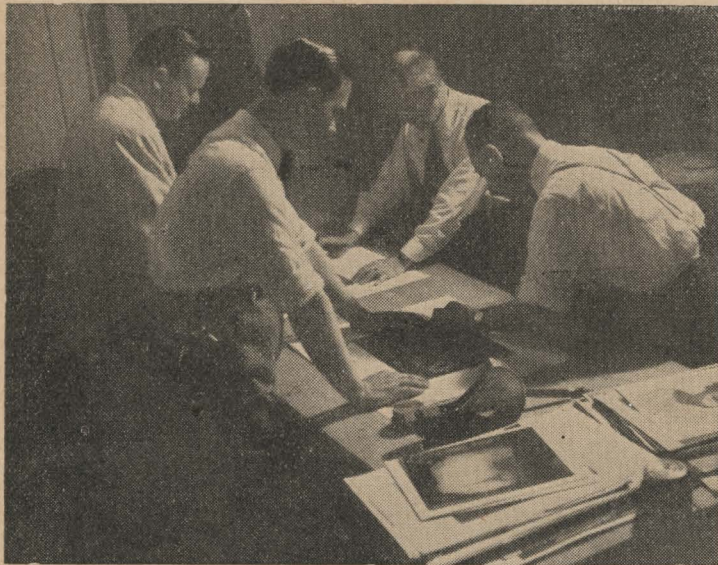
Na Europa, onde por mais experiencia e ponderação, não encontra acolhida a improvisação e onde, por respeito mutuo, cada um sabe por-se no seu devido lugar, não existem problemas no que concerne ao trabalho das comissões de seleção, pela simples razão de que só podem chegar a elas quem possui reconhecidos antecedentes artisticos.

Nenhum obscuro participante do Salão de Londres, por exemplo, usaria por em duvida nem a autoridade nem a atuação de um Mortimer ou um Hawkins. Lá, certamente, não nasceram os sistemas de pontuação nem mecanismos electricos capazes de embotar até o espirito menos propenso ás emoções.

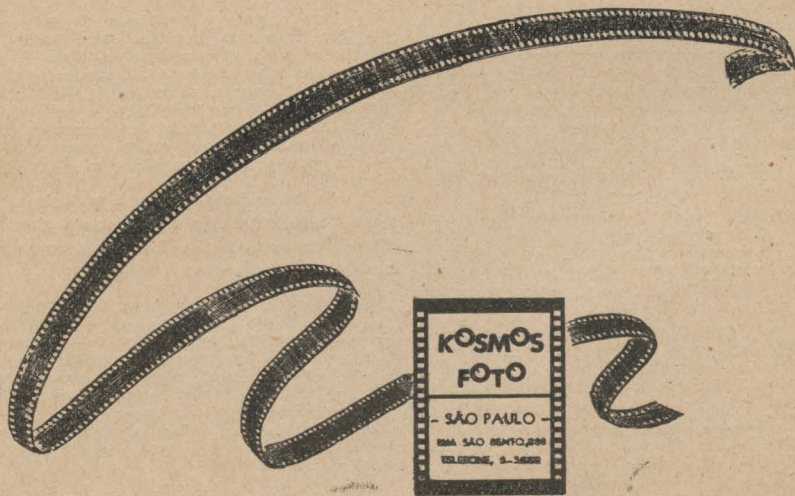
Deve-se começar, portanto, por reconhecer os valores dos que os possuem e respeita-los, confiar-lhes com a fé que esse reconhecimento autoriza, a tarefa de serem os julgadores e, por ultimo, deixar-lhes plena liberdade para se desempenharem da difficilima e ingrata de seleccionar, tarefa que por sua espiritualidade, não pode sujeitar-se nem a normas, nem a numeros, nem a mecanismos.”

E. P. P. S.

Flagrante do V Salão



Nos preparativos para o Salão, a diretoria do F. C. Bandeirante recebe dedicada colaboração de inúmeros consócios. Dentre os vários serviços auxiliares, a montagem das fotografias recebidas do estrangeiro e do interior de São Paulo e outros Estados do Brasil, merece cuidados especiais. Dessa tarefa, desempenharam-se os companheiros F. Palmerio, Tibor Benedit, Carlos Liger e Ludovico E. Munglioli.



O Concurso de Outubro

Os concursos internos sob tema prefixado, si bem que reunindo sempre um apreciável número de trabalhos, têm, entretanto, menor concorrência do que os de tema livre.

Isto é natural e mesmo lógico, eis que estes proporcionam sempre maiores oportunidades.

Notamos, porém, que varios dos participantes dos nossos concursos internos se limitam a apresentar trabalhos apenas nos concursos sob tema livre, não se inscrevendo naquêles sob temas prefixados. Demonstram, com isso, que não dedicam á fotografia o estudo e atenção que seria de desejar e mesmo, pela natureza das fotografias que costumam apresentar, que elas foram obtidas mais ao acaso do que com a intenção, preconcebida, de realizarem alguma obra de mais artistico, fruto de estudo e meditação.

Fazem mal, os que assim praticam. Os concursos sob temas prefixados, em geral mais difíceis, são realizados justamente para que o amador possa aprimorar seus conhecimentos fotográficos; possa dedicar maior atenção ás regras gerais de composição, ao estudo de luzes e sombras e aos vários outros problemas que tornam a arte fotográfica uma das mais belas, mas também uma das mais difíceis.

E aos que têm acompanhado, durante o ano, o trabalho individual de cada um dos concorrentes, certamente não passou desapercibido que vêm apresentando maior e mais acentuado progresso justamente aquêles que mais assiduamente participam dos concursos sob temas prefixados, como por exemplo, Gasparian, Yoshida, Palmério, Victor, e outros.

Com efeito, os temas prefixados proporcionam sempre maiores somas de ensinamentos, e os conhecimentos obtidos para a realização de uma natureza morta, um retrato, etc., serão de grande utilidade e têm aplicação prática, também quando o amador se defronta com uma paisagem, uma cena de genero, etc., influindo, poderosamente, na escolha e enquadração do assunto, do angulo de iluminação mais adequado para realçar o motivo, etc.

Graças a essa perseverança e aplicação, é que puderam alguns dos concorrentes ao ultimo concurso interno, sob o tema "Flores ou Frutas", apresentar trabalhos dignos de menção e verdadeiramente artisticos.

Os dois unicos "seniors" que participaram deste concurso, Angelo F. Nuti e Eduardo Salvator, mantiveram-se á altura da responsabilidade que sua classe lhes exige e do renome que, em successivos salões internacionais do país e do estrangeiro, grangearam como dois dos nossos mais destacados amadores.

Pertencem-lhes vários dos melhores trabalhos deste concurso.

Angelo Nuti em "Primeiros Frutos" (n.º 1) e "Primavera" (n.º 5), quadros suggestivos, de composição simples e harmoniosa, demonstra o quanto é importante uma iluminação adequada para dar aos frutos e ás flores o necessário relevo e modelado, assim como uma correta tradução de tons.

Em "Delicada" (n.º 4), usando técnica diferente, com iluminação difusa e alguns pequenos toques de luz para obter o indispensavel relevo, conseguiu um quadro de grande delicadeza de concepção e realização impecavel.

Salvator, revelando maior pendor para os claros-escuros, para os efeitos de luzes e sombras, tem em "Penumbra" (n.º 9) e "Singleza" (n.º 10), dois trabalhos bastante suggestivos. "Composição" (n.º 7), não fosse a sobre-exposição em que incidiu, roubando aos brancos a necessária pureza, seria seu melhor trabalho.

Dentre os "Juniors", destacou-se Yoshida. Mantendo sempre aquele cumbo de originalidade que o caracteriza, Yoshida, que se tornou conhecido como um dos nossos mais habéis cultores do "table-top" e que no concurso anterior nos surpreendeu como apurado paisagista, agora se mostra igualmente habil fotogra-

fo de flores. "Duas damas" (n.º 16), e "Três Irmãs", (n.º 17), especialmente o primeiro, são trabalhos que se destacam pela harmonia da composição e adequada reprodução de tons, como devem possuir os trabalhos deste genero.

Gasparian, já não foi de todo feliz. Ao lado de "Frutas" (n.º 15) um de seus melhores trabalhos e dos melhores do concurso, merecendo uma justa "menção honrosa", apresentou-nos outros que se resentem de varios defeitos. Gasparian, que demonstra já saber dominar muito bem as luzes, falha ainda, entretanto, na composição, ás vezes pelo excesso de objetos, outras vezes pela má disposição dos mesmos. Peca, também, no emprego do fundo demasiadamente preto, ocasionando, com isso, excessiva dureza e contraste. Um fundo neutro, para a execução de flores ou frutos, é sempre mais indicado.

Dos "novissimos", temos a destacar Ludovico Mungioi, que com apenas poucos meses de atividade vêm apresentando sensiveis progressos, demonstrando o quanto é de utilidade para o amador que quer se aperfeiçoar, o convívio e contatô frequente com o Clube. "Sonho" (n.º 25), de sua autoria, se bem que tendo um assunto já bastante explorado, destaca-se pelo efeito conseguido, alcançando uma merecida "menção honrosa" na sua classe.

F. Palmério, sempre esforçado, compõe em "Poupulas" (n.º 23), um quadro de bastante originalidade e bem iluminado. Seus outros trabalhos deixam, porém, bastante a desejar.

COMPU R

Exemplo a seguir

Nem sempre o resultado da seleção ou premiação dos trabalhos inscritos num Salão ou concurso, agrada a todos os concorrentes. Como é natural, quem se inscreve num certame artistico o faz na presunção de que está apto a obter os melhores resultados. Daí, por parte de quem não tem a felicidade de possuir o senso de auto-critica, o descontentamento, manifestado, muitas vezes, antes mesmo de um confronto dos seus com os trabalhos admitidos ou premiados.

Ao lado dêsses, porém, a maioria reconhece o critério do julgamento e não se acanha mesmo em reconhecer que certamente lhe faltou qualquer coisa para o successo.

Temos a registrar, hoje, um dêsses gestos, dignos de ser imitados: o do amador Sebastião de Carvalho Leme, de Marília, de quem já falámos, em número anterior do Boletim, como expositor que foi, naquela cidade e em Ribeirão Preto, de uma coleção de fotografias, de sua autoria. Tendo concorrido, este ano, pela primeira vez, ao nosso Salão, e havendo sido os seus trabalhos todos recusados, escreveu-nos uma carta, da qual pedimos vênia para destacar o seguinte trecho:

"Senti, como é bem natural, não terem as mesmas qualidades para figurar numa mostra de arte, de âmbito internacional, como a presente. Porém, procurando a senda do aperfeiçoamento, com o indispensavel e esclarecedor concurso dessa nobre entidade, espero, um dia, vencer os obstaculos e figurar nesse tradicional Salão, juntamente com outros veteranos expoentes da arte fotográfica brasileiro."

Se todos pensassem assim...

A PAGINA DO CINE-AMADOR



O TEMPO DE EXPOSIÇÃO

J. J. ROOS

Mais do que na fotografia, um tempo de exposição exato é, na cinematografia, absolutamente necessário para se obterem filmes perfeitos e corretos. Dê-se dependem os contrastes e valores de luz essenciais para que os objetos ganhem, na imagem projetada, o re-vo de que necessitam para terem destaque. O contraste depende da luz e esta do tempo de exposição. Vejamos alguma cousa sobre o contraste.

CONTRASTE: — Em toda a arte, fotográfica ou cinematográfica, o contraste é regra das mais importantes. A nossa visão normal é estereoscópica, de maneira que os objetos são colocados em nosso cérebro de acôrdo com a distância em que de nós estão. A camera foto ou cinematográfica, não possui, porém, essa faculdade de maneira que sómente em determinadas condições poderemos produzir uma fotografia que nos dê uma noção, a mais razoavel possível, do objeto fotografado. Também as cores representam um fator importante para definir e destacar os objetos que observamos comumente. Não se podem reproduzir os objetos na sua cor natural, em se tratando de filmes em branco e preto, resumindo-se, portanto, a sua reprodução, em uma questão de luzes e sombras.

Por isso, ás vezes, uma cena que para a visão normal tem um brilhante contraste, poderá ser na fotografia um motivo pobre. Mesmo o uso de filmes pancromáticos, com a melhor gradação de tons que dá, nem sempre consegue evitar isso. Um expediente prático que usamos, quando observamos um assunto para fotografar, é fazê-lo com os olhos semi cerrados. Isto diminui o efeito estereoscópico e acentua o contraste, aproximando a visão do efeito fotográfico.

Muitas vezes observamos um motivo bastante atrativo para fotografar. Pegamos a camera e tomamos a cena, mas ao projetá-la, o resultado é bastante desanimador; reconhecemos a cena original, mas a mesma não causa impressão aos assistentes e o motivo está em que não soubemos dar-lhe o necessário contraste.

Uma boa maneira para estimar os contrastes, consiste em observar a cena através de um filtro azul. Esse filtro permite a passagem dos raios do fim da parte azul do "spectrum solar". Como o filme é afetado principalmente pela luz azul-violeta, podemos então julgar com mais eficiência, como a cena vai ficar reproduzida na tela. Os contrastes ganham relevo e as proprias cores são reduzidas para o seu equivalente mono-tone. Usando filmes pancromáticos, o filtro deverá ser amarelo escuro ou marron.

VALORES DE LUZ: — O contraste e o consequente sucesso da reprodução do filme depende, principalmente, da correta gradação de luz e sombra. Já sabemos que se a luz atuar demasiadamente sobre o filme, aquelas partes que deviam representar sombras mais ou menos profundas, passarão a apresentar uma apeciavel quantidade de luz, enquanto que as partes brilhantes não poderão se apresentar ainda mais brilhantes e assim o filme perde os contrastes. Da mesma maneira, um filme com pouca exposição também não produz contrastes, pois as partes mais iluminadas não serão suficientemente brilhantes.

Nestas condições, para uma adequada reprodução, para que os contrastes, as luzes e sombras sejam reproduzidas em sua justa intensidade, tudo depen-

de de uma exposição adequada e a mais exata possível.

Com bastante experiência, o cinematografista poderá julgar a luz e o tempo de exposição, mas o amator novo, facilmente se engana: daí ser aconselhavel o uso de um fotômetro ou medidor de luz.

Tanto a luz da manhã como a da tarde, enganam muito. Não obstante parecerem brilhantes aos nossos olhos, o seu valor atênico é pouco. Os raios ultra-violetas de "spectrum" são os que mais influem na mudança quimica do filme e de manhã cedo ou ao fim da tarde esses raios não atravessam a atmosfera da terra. Os nossos olhos, com a faculdade que têm de se adaptar ás mais diversas condições de luz, não podem perceber isto, pois nós não podem apreciar a luz ultra-violeta e, assim, a intensidade de luz pode parecer a nossa vista tão brilhante como ao meio dia.

Mas, fotograficamente, existe uma diferença sensivel na intensidade de luz e a exposição deve então ser aumentada para se poder conseguir o resultado almejado.

COMO VARIAR A EXPOSIÇÃO: — Na camera mara cinematográfica, com raras exceções, isto não é fotografica comum é possível dar a exposição desejada, variando a velocidade do obturador. Já na praticavel, eis que a velocidade do obturador é regulada para um determinado numero de fotografias por segundo e o obturador fica aberto pela fração de tempo necessária para tornar isso possível: em geral, e na maioria das cameras, o tempo de exposição é de 1/32 de segundo, de modo a permitir a impressão de 16 quadros por segundo.

Portanto, para darmos ao filme a exposição exata, devemos trabalhar tão sómente com o diafragma, aumentando ou diminuindo sua abertura conforme a intensidade da luz. Se a luz é fraca, maior abertura; se a luz é intensa, brilhante, menor abertura, de modo que apenas uma pequena porção de luz possa impressionar o filme.

Com a exposição certa, alem do justo contraste e valores de luz e sombra, obteremos uniformidade na projeção, cousa que na cinematografia é tão necessária para a boa impressão geral que o filme deve proporcionar.

VISITANTE ILUSTRE

De passagem por esta Capital, tivemos o prazer de receber a visita do sr. D. KNEGT, fundador da Liga Holandesa de Amadores Cinematográficos, e autor de diversos filmes premiados.

Recebido por nosso diretor cinematográfico, J. J. Roos, em cujo "cinema-mirim" de sua residencia teve oportunidade de apreciar alguns filmes de sua autoria, ficou o Sr. D. Knegt entusiasmado com as iniciativas do Clube, e prometeu remeter, quando de volta á sua patria, a Holanda, alguns de seus melhores filmes para aqui serem exhibidos, iniciando assim um maior intercambio artistico-cultural entre ambas as associações.

O BANDEIRANTE NO

NOVOS SÓCIOS

EXTERIOR

Como de costume, damos a seguir os últimos resultados conhecidos da participação de nossos associados nos diversos salões internacionais, realizados no exterior e que tanto vem contribuindo para a divulgação da arte fotográfica brasileira.

Durante o mês de novembro, segundo notícias e catálogos que recebemos foram estes os autores que figuraram nos salões que descriminares:

27.º SALÃO DE LONDRES: — "Manhã gloriosa" e "Passos", de Pedro Josué; "Perto do céu", de Pínio S. Mendes; "Volta da pescaria", de Angelo F. Nuti; "O kiosque", de José Otílicia Filho (Rio de Janeiro); "Inspiração" e "Pescadores", de Eduardo Salvatore; "Filigrana" e "Igreja de uma antiga vila brasileira", de Kazys Vosylius. Total: — 9 trabalhos

7.º SALÃO DE SAÏSA (R. Argentina): — "Futurismo", "Descanço" e "Entardecer no Tieté", de Thomas J. Farkas; "Azas no crepúsculo", de Herminio F. Neto; "Fruta do mato", de Francisco B. M. Ferreira; "Gigantes e pigmeus", "Composição", "Serenidade" e "Visão paulista", de Gaspar Gasparian; "Desconfiança", "Amigo das aves", "Sombras" e "Fragilidades", de Henri E. Laurent; "Casa de campo" e "Velho castelo", de Guilherme Malfatti; "Caminho áspero", de Pínio S. Mendes; "Flores do trópico", "Fúria", "Arabescos" e "Tranquilidade", de Angelo F. Nuti; "Hospitalidade", de Fernando Palmerio; "Refúgio das almas" e "Silêncio, luz e sombra", de Theodor Preisling; "Crepusculo no porto", "Devastação" e "Meu filho", de Eduardo Salvatore; "Figueira antiga", "Soalheira" e "Pópas", de Ismael A. Souza; "Nevoa no bosque", "Recanto histórico" e "Paralelos e diagonais", de José V. E. Yalenti; e "Alegria", de Roberto Yoshida. Total: 33 trabalhos.

É de notar que, conforme carta que recebemos do sr. R. C. Morgan, Secretário do famoso Salão de Londres, muitos outros trabalhos aceitos não puderam figurar no Salão deste ano por falta de espaço no recinto destinado à exposição.

* * *

3.º SALÃO INTERNACIONAL DE "SLIDES" DE CHICAGO: — Pela primeira vez, sócios do Foto-Cine Clube Bandeirante concorreram a um salão internacional de fotografias coloridas ("slides"), o mencionado à margem. Poucos foram os concorrentes; entretanto, o resultado foi auspicioso, pois tiveram trabalhos admitidos os srs. Frederico Sommer (3) e Thomas J. Farkas (2).

Esse resultado servirá, certamente, para animar os demais cultores desse genero de fotografia, para os demais salões internacionais.

AQUI COMO LA'...

O "Correo Fotografico Sudamericano", a prestigiosa revista portenha que tanto vem se empenhando na difusão da arte fotográfica e na defesa dos seus cultores, amadores ou profissionais, publicou em um de seus ultimos numeros, o seguinte suelto que se aplica como uma luva a algumas das nossas casas de artigos fotograficos:

"As casas revendedoras, com pouquissimas exceções, permanecem cegas ao trabalho dos foto-cubers como tambem o foram sempre com relação ás revistas especializadas. Elas necessitam do "obscurantismo" comercial para desenvolvem-se de acordo com o criterio arcaico que as domina. Tudo que seja ensinar fotografia as molestas; parece que apenas querem continuar assaltando os ignorantes."

Em novembro ultimo, mais os seguintes aficionados da arte fotografica e cinematografica deram entrada no nosso quadro social: — Matriculas ns. 261, dr. Teodoro Reitter ;262, dr. Sebastião de Carvalho Leme (Mariã); ;263, Nochum Kojranski; 264, Pedro de Moura.

CONCURSOS INTERNOS PARA 1947

O Departamento Fotografico do Clube já organizou o calendario a que obedecerão os concursos internos, durante o ano de 1947, tendo assim os associados tempo bastante para se prepararem para os mesmos cuidadosamente. E o seguinte:

JANEIRO — Tema Livre.
FEVEREIRO — Animais ou aves.
MARÇO — Tema livre
ABRIL — Cênas interiores
MAIO — Tema livre
JUNHO — Naturezas mortas
JULHO — Tema livre
AGOSTO — Noturnos da cidade
SETEMBRO — Tema livre
OUTUBRO — Retratos
NOVEMBRO — Salão
DEZEMBRO — Salão.

Como de costume as inscrições serão encerradas nos dias 20 de cada mês, ou no dia imediato si cair em domingo ou feriado, devendo os trabalhos obedecer ás condições constantes do regulamento já de conhecimento dos srs. socios.

A COMISSÃO DE SELEÇÃO DO V SALÃO

Seguindo o critério de indicar para membros da comissão de seleção do nosso salão, aqueles cultores da arte fotográfica que por seus méritos, mais se vêm destacando dentre os fotografos locais, não podiam ser mais felizes as nomeações feitas pela Diretoria do F. C. Bandeirante, que recaíram em:

BENEDITO J. DUARTE — diretor da seção de fotografia e técnico em iconografia do Departamento Municipal de Cultura, conhecedor profundo da arte e técnica fotografica, com curso de aperfeiçoamento em Paris. A'em disso, cineasta dos mais avançados, cujos filmes tem merecido as mais elogiosas referencias no estrangeiro.

EDUARDO SALVATORE, amador avançado, que vem se salientando dentre os fotografos patrios nos salões do país e do estrangeiro, sendo detentor de varios prêmios.

PEDRO JOSUE, nome de destaque internacional e competencia procamada, o unico artista sul-americano que já por duas vezes, teve seus trabalhos figurando entre as 100 melhores fotografias exibidas durante o ano, na America do Norte.

Outrotanto diga-se dos suplentes designados, Dr. Valencio de Barros, Angelo F. Nuti e Jose Yalenti.

Todos eles, verdadeiros artistas da objetiva, cujas qualidades são um penhor da criteriosa seleção feita para o V Salão.

CORRIGENDA

Por um lapso de revisão, no catálogo do V SALÃO INTERNACIONAL DE ARTE FOTOGRAFICA DE SAO PAULO não figurou, adiante dos nomes dos concorrentes srs. JORGE MARTINS TINEL e PEDRO DE MOURA, a qualidade de sócios do FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE, assim como tambem, na re'ação da Diretoria, foi omitido o nome do Tesoureiro, sr. ANGELO FRANCISCO NUTI.

A esses companheiros, nossas excusas.

Porque não foi publicado este catalogo?

Ao findar a guerra tivemos a intenção de informar nossos amigos sobre as novidades. No entanto, a instabilidade da situação demoveu-nos desse intento.

Constantemente e, às vezes, inesperadamente, chegam cousas novas. A procura é grande e o fornecimento escasso.

No entanto, temos a certeza que o artigo desejado por V. S. chegará muito breve.

Informe-nos de suas necessidades ou então visite-nos periodicamente.

Sempre temos novidades em

FOTO

CINE

OTICA

LIVROS E REVISTAS

—o—

Visite ou escreva!

Catalogo 60.

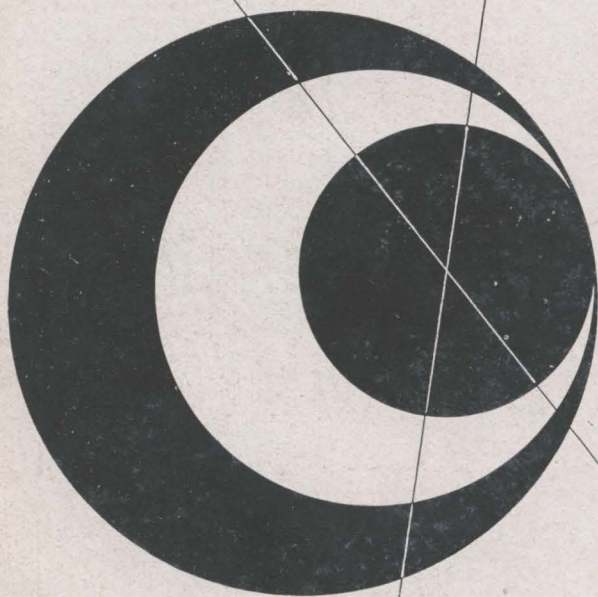


FOTOPTICA

Foto • Cine • Otica

RUA SÃO BENTO, 359
TEL. 2-4900
CAIXA POSTAL 2030

FOTOPTICA



FOTOPTICA

SÃO PAULO
RUA SÃO BENTO, 359
TEL. 2-4900
CAIXA POSTAL 2030

Ponto de encontro para
os amadores exigentes

Tudo V. S. encontra na
Fotoptica, em tudo que se
referir a

FOTO
CINE
ÓTICA
LABORATORIO

(revelação,
cópia,
ampliações)

Bibliotéca especializada no ramo



Visite ou escreva á
FOTOPTICA



R. S. Bento, 359-Tel. 2-4900
C. Postal. 2030 - S. Paulo